

O MODELO TEÓRICO INTEGRAL DE TRADUÇÃO EM FRANCIS HENRIK AUBERT: ENTRE A NECESSIDADE E A IMPOSSIBILIDADE ¹

Élida Paulina FERREIRA

RESUMO *A dimensão desconstrutivista mostra que a tradução, através da língua, é necessária e impossível e que o tradutor, ao traduzir, não se separa do seu objeto, a língua. Esse duplo endividamento entre o tradutor e o seu objeto revela o double bind, que não se analisa integralmente e deflagra a resistência. Em Francis Henrik Aubert, aponto um jogo duplo, em sua reflexão, entre necessidade e impossibilidade, que encena a resistência da tradução à sistematização. Detecto em sua teorização uma tensão que revela um conflito flutuando entre a admissão da provisoriidade da tradução e a elaboração de construtos para controlá-la, pela tentativa de limitação da intervenção do tradutor, supostamente isento em relação ao seu objeto, a língua. Proponho uma leitura da trajetória e dos compromissos teóricos de Aubert, a partir do seguinte recorte: um perfil geral da sua reflexão teórica, abrangendo várias áreas de atuação; o modelo integral, que inclui a abordagem lingüística, a cultural e as “(In)Fidelidades da Tradução”, quando o autor propõe redimensionar o papel tradicionalmente atribuído ao tradutor e à tradução; e a encenação da resistência da tradução à sistematicidade em Aubert, estudada em termos de um double bind.*

SUMMARY *The deconstruction shows that the translation, through the language, is necessary and impossible; and that the translator, while translating, is not free from his object, the language itself. This double commitment between the translator and the language reveals the double bind, which can't be totally analyzed and provokes resistance. I point out a double strategy at stake, which marks the resistance of translation to systematization within a theory. Based on the analysis of the work of Francis Henrik Aubert, I have detected a tension which reveals a conflict between his admission that translation is provisional and his attempt to control it, by trying to limite the translator's intervention, supposedly free from his object, the language. I shall propose this study of Aubert's theoretical compromises, guided by the sequence of themes, such as it follows: an overview of his theorization, including the discussion of selected articles dealing with linguistics, terminology, translation and computers,*

¹ Trabalho resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 28 de agosto de 1998, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

translation and linguistics, cultural translation, translation and the role of the translator, translation and the university. From this study I discuss the modelo integral, which includes the approaches that the author proposes to explain the translation and the role of the translator. And, finally, the resistance of translation to systematization is discussed, in Aubert's theorization, which is shaken by the double bind.

A tradução resiste ao fechamento, no interior de uma teoria e de modelos teóricos que tentam controlar a intervenção do sujeito, supondo a isenção na relação tradutor/língua. Esta resistência da tradução à sistematização é revelada na obra de Aubert, sob a forma de conflito entre a necessidade pela estabilidade e a admissão da impossibilidade de alcançá-la. Entendo que isto que nomeio como conflito remete-nos ao dilema da tradução: necessidade e impossibilidade, a que Derrida chama de double bind. Assim, trata-se de, com base na análise de um recorte da obra de Aubert, detectar ali tensões, demonstrar de que forma elas contribuem para pensarmos a tradução como resistência, uma resistência à sistematização e ao enquadramento e avaliar em que medida a sua teorização é perturbada pelo double bind, que, segundo Ottoni, mostra através da língua que a tradução é possível e impossível, que a fidelidade pretendida é uma ilusão teórica necessária e impossível.

O double bind não é um conceito, não se presta a uma definição; liga-se ao jogo entre necessidade e impossibilidade que a tradução revela. De acordo com Ottoni, podemos dizer que o double bind constitui um lugar onde se encena a reciprocidade entre a língua e a tradução (cf.1998a:05). Como há reciprocidade entre língua e tradução, ao traduzirmos ou teorizarmos sobre tradução, é impedida, também, a isenção do sujeito em relação a este objeto. Derrida observa: “Nenhuma teorização, já que é produzida na língua, será capaz de dominar a performance babeliana”² (1985a:175). Por performance babeliana o autor entende a insolvência marcada pelo nome próprio Babel: que se traduz e não se traduz, pertence sem pertencer à língua e endivida-se por um débito insolvente, a si como se fora outro (cf.p.184). Então, a intervenção do sujeito, seja ele o tradutor ou o teórico, é inevitável e incontrolável.

Como a tradução resiste à plenitude, e dá lugar à interpretação, qualquer texto será sempre provisório, mesmo para quem o produz. O sentido estará sempre em deslocamento. Sobre o endividamento entre original e tradução, Derrida afirma: “O original é o primeiro devedor, o primeiro petionário; ele começa em falta e clamando por tradução” (p.184).

O endividamento entre tradução e original se instaura em face da língua, ou melhor, da multiplicidade de línguas em uma mesma língua. Isto impede a unicidade, a transparência e a plenitude. A tradução, então, instaura-se em termos de um duplo endividamento, um double bind, que, segundo Derrida, “está na lei” e é “insolvente em ambos os lados” (pp.184-185); e define-se em face de uma aporia: necessidade e impossibilidade (p.170). Por isso resiste ao fechamento, à teoria. A tradução não se fecha e o sentido é sempre diferente e adiado, o que não permite o esgotamento da

² Esta e as outras traduções das citações são minhas, exceto as indicadas na bibliografia.

questão referente ao double bind, nem há chance de fazê-lo. O double bind não é algo que se imobilize para ser “analisado”; é algo que se sofre.

O objetivo desse trabalho é, a partir de uma dimensão desconstrutivista, discutir que a reflexão teórica de Aubert revela e é perturbada pelo double bind. De um lado, o autor admite a provisoriidade da tradução - ao assumir o tradutor como produtor-; de outro, deseja controlar tal provisoriidade, buscando na língua um núcleo de estabilidade que coloque a tradução em termos de uma possibilidade relativa, supostamente controladora da intervenção do tradutor. Há um conflito, que busca resolver, mesmo sabendo que esta busca é vã e que se realiza apenas como tentativa. Nessa busca que ele sabe vã, necessita de construções (parâmetros, construtos, núcleo estável, tradutor-mediador) para levar adiante o que acredita ser a possibilidade da tradução. Necessita, porque sabe que a tradução resiste à apropriação e à sistematização em uma teoria. Mas, mesmo assim, persegue-a, para levar adiante um projeto integral da tradução, “na medida do possível”.

O seu projeto tradutório compromete-se com a ilusão de pureza das relações sujeito/objeto e língua/cultura. Todavia, sua teorização é perturbada, revela que tal pureza não é possível e encena o double bind, esse jogo duplo entre necessidade e impossibilidade.

Partindo de um perfil³ geral da reflexão de Aubert em várias áreas de atuação, aponto compromissos teóricos e delinco a justificativa para estudar a sua teorização em termos de resistência. A elaboração desse perfil observa a seqüência: Aubert e a lingüística; Aubert e a ciência da tradução; tradução cultural; As (In)fidelidades da tradução; tradução terminologia e informática; a profissão e a formação de tradutores. É a partir da análise desse perfil que proponho a discussão do modelo que anuncio como integral.

No conjunto do perfil traçado, leio um comprometimento com um modelo de ciência da lingüística, que se funda na dicotomia entre sujeito e objeto e tenta dominar a intervenção do sujeito. Esta visão perpassa a reflexão sobre tradução, que Aubert considera multifacetada, conflituosa e resistente à univocidade. Entretanto, ainda assim busca o seu controle por meio de um tradutor autônomo, supostamente independente de seu objeto.

Esta insolvência – que reporto mais explícita em relação aos modelos cultural e integral e às “(in)fidelidades da tradução” - me direcionou a propor o recorte da obra de Aubert, que passo a discutir.

Quando busca estabelecer uma relação entre lingüística e tradução, Aubert elabora modelos – Integral (1981b) e de Quantificação de Dados (1984) -, para sistematizar a tradução. O primeiro tem relação com a tentativa de estabelecer os procedimentos que constituem o que chama de ato tradutório, idealizando uma atuação eminentemente objetiva do tradutor; o segundo parte de um estudo comparativo entre produtos (original

³ Não cabe, nesse trabalho, apresentar este perfil. Apenas o anuncio, enfatizando que, para compô-lo, estabeleci como material de consulta artigos publicados em revistas especializadas e anais (cf. Aubert, 1976a, 1976b, 1976c, 1977, 1978a, 1978b, 1978c, 1978d, 1978e, 1981a, 1981b, 1983, 1984, 1987, 1988, 1989a, 1989b, 1990a, 1990b, 1992a, 1992b, 1993, 1994b, 1994c, 1995a, 1996a, 1996b, 1996c e 1997) e, ainda, quatro livros do autor (cf. 1994a, 1995b, 1995c e 1996d).

e tradução), analisando semelhanças e diferenças lingüístico-textuais, para propor sistematizações no âmbito das modalidades tradutórias (cf. Aubert, 1984:73). Entre um dos objetivos que se espera a partir da aplicação do modelo é delimitar a abrangência da intervenção do tradutor em face de parâmetros colocados.

Mas há um excedente que transborda dessas tentativas de sistematização da tradução. Primeiro, o autor admite as limitações do modelo de quantificação, que não deu conta da questão da criatividade na tradução e não conseguiu estabelecer os limites da intervenção do tradutor. Em segundo lugar, o modelo integral se concretiza na medida do possível, ou seja, o modelo não dá conta da intervenção da subjetividade. É por causa desse excedente que Aubert, para levar adiante uma abordagem lingüística da tradução, precisa “fazer ouvidos moucos à subjetividade”, à intervenção do sujeito na língua e buscar um conceito de língua estável, em que se supõe pureza na relação entre sujeito e objeto. Mas, essa pureza não se concretiza, sobra dessa relação um resto que Aubert busca, senão controlar, pelo menos circunscrever a limites previsíveis. É a tentativa de controlar o double bind. Mas este, como o entende Derrida (1996:46), é o que perturba toda análise, já que perturba, em sua resistência, as oposições binárias e hierarquizantes que autorizam todo princípio de distinção no discurso comum bem como no discurso filosófico ou teórico. Então, na sua teorização, Aubert tenta tocar uma verdade que desliza.

Em suas reflexões sobre tradução cultural, quando se espera uma mudança da abordagem lingüística para uma abordagem cultural, a preocupação inicial é com um conceito de língua relativamente estável, que, segundo Aubert, faculta a interpenetrabilidade relativa entre língua e cultura, o que possibilitaria, portanto, a tradução cultural (1995a).

Aubert, ao propor uma abordagem cultural, discute uma questão já abordada por Mounin (1975) a propósito de obstáculos que são levantados em nome da impossibilidade da tradução – “visões de mundo” e “incomunicabilidade entre culturas” –, aplica o conceito de língua emprestado de Hjelmslev (estrutura + uso), idealiza os construtos “instabilidade relativa” e “interpenetrabilidade relativa” entre língua e cultura, para defender a possibilidade de resgate da “norueguesidade” e justificar o recurso às abordagens matricial, assimilativa e criativa, utilizadas a propósito da tradução dos contos noruegueses que deram origem às obras de sua autoria: *Askeladden* e *Outras Aventuras e Novas Aventuras de Askeladden*. Sabendo da resistência da tradução à separação entre sujeito e objeto, Aubert idealiza um tradutor que administra a própria intervenção: ora se entregando às injunções externas (recorrendo às abordagens matricial e assimilativa), ora criando, ao recorrer à abordagem criativa. É a encenação do double bind que a tradução traz à tona. O recurso aos construtos apontados e às abordagens tradutórias é uma tentativa de dominar o double bind, todavia há na tradução um excesso que transborda, o que faz a análise e as estratégias aplicadas à tradução deslizarem.

Em *As (In)Fidelidades da Tradução*, os questionamentos levantados por Aubert recaem sobre o que chama de processo da tradução e dizem respeito à intervenção do tradutor (1994a:09). Embora seja apontada uma mudança de viés quanto ao tratamento dado à tradução e ao tradutor, é, ainda, do interior da lingüística – cujo projeto

“científico” já se revelou, em relação ao objetivo que fora estabelecido, limitado para lidar com um campo tão rebelde como o da tradução (1984:71) – que Aubert, sustentado pela noção de língua utilizada por Hjelmslev e pelo arcabouço teórico dos elementos da comunicação proposto por Jakobson (1969), instituiu um tradutor-mediador. Não pode aceitar a inevitabilidade da intervenção do tradutor e busca parâmetros para dar os limites dessa intervenção. Aubert encontra-se em dupla posição: de um lado, admite que o tradutor é um produtor de textos (1994a:81); de outro, busca o limite para essa intervenção, de tal forma que se estabeleça um locus de equilíbrio entre identidade e diversidade (1994a:76).

Por entender que todas as abordagens apontadas anteriormente tratam a questão da intervenção do tradutor de maneira semelhante, passo a me referir ao conjunto composto pela abordagem lingüística – que inclui o modelo integral de Aubert e o modelo de quantificação de dados –, pela abordagem cultural e pelas “(In)fideliidades” como modelo integral em Francis Henrik Aubert.

Por meio desses conflitos teóricos detectados, aponto no conjunto da teorização aubertiana um jogo entre a necessidade e a impossibilidade. Quando discute as limitações e dificuldades em busca da constituição de um projeto de “ciência da linguagem”, encena o double bind, revelando a resistência. Recorro a um trecho de um texto de Aubert para discutir essa questão:

O lingüista, sobretudo, vê-se em posição pouco privilegiada nesse embate, pois os instrumentos de que dispõe – modelos teóricos em constante mutação – parecem ainda por demais frágeis e limitados em sua abrangência para lidarem adequadamente com a realidade multifacetada da tradução. E esta fragilidade e esta limitação são acentuadas pelos estritos parâmetros impostos por seu objetivo maior – o de planejar e executar uma ciência da linguagem obrigando-o a fazer ouvidos moucos ao subjetivo, propaladamente um dos elementos essenciais do ato tradutório. (1984:71)

Aubert reconhece a dificuldade em lidar com a realidade multifacetada da tradução, por isso, para planejar e executar a ciência da linguagem, é preciso fazer “ouvidos moucos ao subjetivo”; ou seja, é preciso colocar a tradução em um lugar de estabilidade, distanciado do subjetivo. É preciso, portanto, idealizar a possibilidade de esquecimento deste subjetivo.

Arrojo (1992) já apontou uma ambivalência na reflexão de Aubert. Considera que a sua posição é exemplar tanto como lingüista quanto como teórico que analisa seu objeto a partir de uma perspectiva logocêntrica. A autora aponta basicamente as oposições ou contradições que podem ser detectadas na reflexão em questão. Diferentemente, proponho o estudo dessas “contradições” em termos do que procuro caracterizar como double bind, tendo em vista o comprometimento entre sujeito e objeto.

Assim, considero que o movimento da reflexão do autor encena mesmo a resistência da tradução à domesticação e de outro lado apresenta tentativas de amenizar essa resistência, buscando domesticar o que sabe não domesticável. Não há linearidade

entre a admissão e a ação do autor. O que o “obriga a fazer ouvidos moucos ao subjetivo” é a necessidade de estabilidade que o direciona à tentativa de controle daquilo que impede a domesticação da tradução. Em outras palavras, o que o “obriga a fazer ouvidos moucos ao subjetivo” é a necessidade de sistematizar o que não possibilita a sistematização. Ele precisa esquecer o subjetivo para constituir uma “ciência da linguagem” e, para encenar a domesticação da tradução, precisa negociar construções que jogam no limiar da necessidade e da impossibilidade.

A língua, na teorização de Aubert, dá lugar ao indecível, ao conflito, à interferência do sujeito, mas, ao tratar de tradução, não aceita a indecidibilidade e idealiza o seu controle. Ao longo da sua teorização, a negociação que precisa implementar traz à tona uma superposição de “conceitos” de língua: de um lado, a língua vista como o “lugar” do indecível e de outro a língua como “lugar” da estabilidade. Ele negocia o seu “projeto de tradução” no interior dessa duplicidade, que tenta controlar por meio de construtos e modelos.

Na base da elaboração desses recursos de controle está a ilusão, o desejo por um núcleo intacto, por uma língua livre de “impurezas”, livre de “instabilidades”; o desejo por uma língua intacta. Discutindo esse desejo por um núcleo intacto, Derrida afirma que esse desejo ou o fantasma do núcleo intacto é irreduzível (não pode ser reduzido), a despeito do fato de que não há um núcleo intacto. Ele estabelece um jogo entre as três “palavras” desejo, necessidade e anankê. Anankê é o que deflagra que não há nem nunca houve um núcleo intacto. É o que se quer esquecer, e esquecer que se esqueceu (cf.1985b:115-116). Sobre o desejo pelo núcleo intacto, Derrida conclui o seu argumento:

Esse fantasma, esse desejo por um núcleo intacto move todo tipo de desejo, todo tipo de língua, apelo, endereçamento. Esta é uma necessidade premente, uma necessidade terrível. Mas, assim como sem o desejo pelo núcleo intacto que não existe, sem o desejo pelo intocável, pela virgindade (o tabu sobre virgindade tem uma relação essencial com tudo isso) – sem o desejo por virgindade, nenhum desejo, qualquer que seja, se moverá; da mesma forma que sem Necessidade e sem o que interrompe e impede este desejo, o desejo ele mesmo não se revelaria. Não sei como denominar isso, a não ser de Necessidade com N maiúsculo, alguma coisa sobre a qual nada se pode fazer. (1985b:116)

A reflexão de Derrida traz à tona o double bind: o desejo por um núcleo intacto que não existe (ênfase minha), sem o desejo pelo intocável nenhum desejo se moverá: sem o desejo de apropriação do original, não existe tradução. É uma necessidade premente que nos impele. Sem a Necessidade e sem o que interrompe e impede este desejo, o desejo ele mesmo não se revelaria. Há uma necessidade, um desejo por um núcleo intacto, que não existe; então, essa necessidade, esse desejo é interrompido e impedido. Isso deflagra o double bind. É algo contra o que nada se pode fazer. Ou seja, nada se pode fazer contra o double bind, pois não se assume o double bind, mas se suporta de várias formas. Se ele jamais é um e geral, mas a disseminação infinita de seus

nós, é que, sem ele e sem a aporia que determina, decisão alguma teria lugar (cf.Derrida, 1996:52).

Aubert, ao tentar sistematizar o double bind, não foge aos efeitos provocados pela imposição da língua; por isso precisa lançar mão do “estável” e “único” da língua para tentar sistematizar o jogo entre necessidade e impossibilidade. Este jogo está na base de sua reflexão. Para Aubert, a “língua é instável”, “a tradução é de natureza multifacetada”, “o texto é provisório”, “o compromisso de fidelidade não é auto-evidente”, “é impossível o apagamento do tradutor”, “traduzir é desviar”; e, permeando a sua reflexão sobre tradução, que é uma tentativa de sistematização de uma prática, está a busca de um lugar de estabilidade que limite a instabilidade da língua, a multiplicidade na tradução, a provisoriidade do texto, a intervenção do tradutor. Então, sugere opções como: “instabilidade relativa da língua”, “interpenetrabilidade relativa entre língua e cultura”, “tradução cultural relativamente possível”, “literalidade relativamente possível”, “modelo integral da tradução”, “modelo de quantificação de dados em tradutologia”, (in)fidelidades de tradução. Essas construções, inclusive a reelaboração das questões analisadas no texto *As (In)Fidelidades da Tradução – servidões e autonomia do tradutor*, respondem pela tentativa de fixar um núcleo em torno do qual o tradutor se encontra; e respondem, também, pela deflagração do impedimento desta fixação.

A luta de Aubert pela reconciliação o conduz a uma tentativa de fixar uma forma de romper as referidas resistências, mas a tentativa revela que qualquer “solução” é provisória e se presta a um dado momento e situação e, portanto, não se fixa. Então, o recurso ao “estável e único” se presta a uma idealização de resolução das “resistências variadas à ação”. Ao tentar lidar com o double bind que a língua revela, recorre a estratégias de controle que só evidenciam mais ainda a dispersão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. Compreender x Interpretar e a Questão da Tradução. In: **O signo Desconstruído**, organizado por Rosemary Arrojo. Campinas, São Paulo. Pontes. Pp. 67-70. (1992).
- AUBERT, F. H. Algumas Considerações sobre a Estrutura do Núcleo Verbal. In: **Revista Brasileira de Linguística 3:1**. São Paulo. pp. 109-115. (1976 a).
- _____. Para uma Definição Estrutural da Sílabla. In: **Estudos Linguísticos**. Uberaba, FISTA. pp. 21-36. (1976 b).
- _____. O Verbo Mandar e suas Correspondências em Inglês. In: **Estudos Linguísticos**. Uberaba, FISTA. (Em co-autoria com STEINBERG Martha). pp. 55-61. (1976 c).
- _____. Processos de Adjetivação em Português e Inglês. In: **Sobre a Linguagem**. Uberaba, FISTA. pp. 39-44. (1977).
- _____. Regras de Combinatória Fonológica do português do Brasil. In: **Estudos Linguísticos I. GEL/Araraquara**. pp. 36-41. (1978 a).
- _____. Preliminares para um estudo Perceptivo da Intoação Interrogativa em Português. In: **Estudos Linguísticos. GEL/S.J.do Rio Preto**. pp.42-45. (1978b).
- _____. A Suprasegmentalidade. In: **Foco e Pressuposição**. Uberaba, FISTA. pp.81-87. (1978c).
- _____. Foco, Sintaxe e Entoação. In: **Foco e Pressuposição**. Uberaba, FISTA. pp. 42-52. (1978d).
- _____. Reflexões sobre o Ato Tradutório. In: **Estudos Semânticos**. Uberaba, FISTA. pp.86-96. (1978e). Republicado no Boletim da Associação Brasileira de Tradutores 4:2. (1979).

- _____. Descrição Perceptiva da Entoação da Frase Interrogativa em Português (variante mineira – Uberaba). In: **Estudos Linguísticos**. Uberaba, FIU. (Em co-autoria com HOCHGREB, Norma). pp. 9-22. (1981a).
- _____. Etapas do Ato Tradutório. In: **Tradução e Comunicação 1(1)**, São Paulo. pp. 13-24. (1981b).
- _____. O Tradutor e seus Direitos. In: **Folhetim – Folha de São Paulo**. São Paulo (18 de setembro). (1983).
- _____. Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia. In: **Tradução e Comunicação (4)**. São Paulo. pp. 71-82. (1984).
- _____. A Tradução Literal: Impossibilidade, Inadequação ou Meta? In: **Ilha do Desterro (17)**. Editora da UFSC, Florianópolis. pp.185-192. (1987).
- _____. Fatores condicionantes do Valor de Mercado da Tradução. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada 11**. IEL/UNICAMP. Campinas. pp. 33-42. (1988).
- _____. A Pesquisa no Ensino de Tradução. In: **O Ensino de Tradução**. Anais do 3o Encontro Nacional de Tradutores. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. pp. 9-15. (1989a).
- _____. A Fidelidade no Processo e no Produto de Traduzir. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada 14**. IEL/UNICAMP. Campinas. pp. 115-119. (1989b).
- _____. Perspectivas profissionais do Curso de Letras (II). In: **Anais da 1ª Semana de Letras**. FFLCH/USP. São Paulo. pp 125-126. (1990a).
- _____. Centro Interdepartamental de Tradução e terminologia (CITRAT). In: **Anais da 1ª Semana de Letras**. FFLCH/USP. São Paulo. pp. 164-165. (1990b).
- _____. Problemas e Urgências na Interrelação Terminologia/Tradução. In: **Revista Alfa 36**. São Paulo. pp. 81-86. (1992a).
- _____. Tradução, Lexicografia, e Terminologia Informatizadas. In: **XXI Anais de Seminários do GEL**. (Em co-autoria). Jaú. pp. 28-34. (1992b).
- _____. Informática e Tradução: Limitações da “Tradução automática”. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística, 14**. São Paulo. pp. 177-179. (1993).
- _____. **As (In)Fidelidades da Tradução: Servidões e Autonomia do Tradutor**. Ed. da Unicamp. Campinas. 2a ed. (1994a).
- _____. **Apresentação**. (Em co-autoria com Ieda Maria Alves). TradTerm 1. CITRAT/FFLCH/USP. São Paulo. pp. 9-13. (1994b).
- _____. A Compilação Lexicográfica como Alternativa Emergencial à Descrição Terminológica Sistemática. In: **TradTerm 1**. CITRAT/FFLCH/USP. São Paulo. pp. 111-116. (1994c).
- _____. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias de Askeladden)In: **Tradterm 2**. CITRAT-FFLCH/USP. São Paulo. pp. 31-44. (1995a).
- _____. **Askeladden e Outras Aventuras (uma antologia de contos populares noruegueses)**. Extraído de Asbjorsen e Moe, Samlede Eventyr. Oslo, Gyldental,1936. 2a edição. EDUSP. São Paulo. (Organização, apresentação e tradução). (1995b).
- _____. **Novas Aventuras de Askeladden. Extraído de Asbjorsen e Moc, Samlede Eventyr**. Oslo, Gyldental, 1936. São Paulo. EDUSP. (Organização, apresentação e tradução). (1995c).
- _____. O Tradutor é um “mero” Tradutor? In: **Boletim do CITRAT, 4**. FFLCH-USP. São Paulo. p.05. (1996a).
- _____. Tradução e Universidade: a Formação de tradutores Profissionais. In: **Limites da Traduzibilidade** (Organizado por Luiz Angélico da Costa). Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador. pp. 59-74. (1996b).
- _____. Logodiversity and Translation. **META XLI, 2**. Canada. pp. 192-195. (1996c).
- _____. **Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilingüe**. Humanitas publicações – FFLCH/USP. São Paulo. (1996d).
- _____. Da Instabilidade Nasce a Tradutibilidade. In: **Boletim do CITRAT (1) 6**. FFLCH/USP. São Paulo. pp. 6-7. (1997).
- DERRIDA, J. **Posições**. Tradução para o português de Maria Margarida Correia Calvete Barahona. Lisboa. Portugal. (1972).
- _____. **Des Tours de Babel, in Difference in Translation**. Tradução para o inglês de Joseph P. Graham. Cornell University Press. New York. (1985a).
- _____. **The Ear of the Other**. Translated by Peggy Kamuf. Schocken Books. New York. (1985b).

_____. **Résistances de la Psychanalyse**. Éditions Galillé. Paris. (1996).

FERREIRA, E. P. **Modelo Integral para a Atividade Tradutória: Possibilidade ou Ilusão?** Comunicação apresentada no XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Unicamp Campinas.(a sair) (1997).

MOUNIN, G. **Os Problemas Teóricos da Tradução**. (tradução de Heloysa Lima Dantas). Cultrix. São Paulo. (1975).

OTTONI, P. R. **Compreensão e Interpretação no Ato de Traduzir – Reflexões sobre ao Enunciado e a Significação**. Versão Modificada. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, no.28. UNICAMP. Campinas. pp. 19-26. (1996).

_____. O Papel da Lingüística e a Relação Teoria e Prática no ensino de tradução. In: **Tradterm 4.1**, CITRAT-FFLCH/USP. São Paulo. pp.125-139. (1997).

_____. Tradução Recíproca e Double Bind – Transbordamento e Multiplicidade de Línguas. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, número especial sobre tradução. Lisboa, Portugal (a sair). (1998a).

_____. A Tradução é Desde Sempre Resistência: Reflexões sobre Teoria e História. In: **ALFA – Revista de Lingüística**, n° 41 – UNESP. São Paulo (a sair). (1998b).